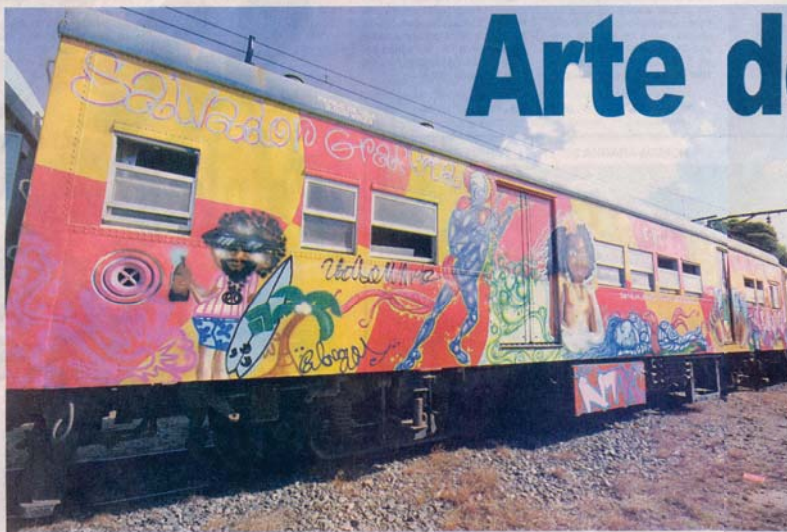


Carolini Honório
 Caracterizada de Xena, a vice-campeã do BBB 7 (foto) aparece nua ao lado de outra mulher em ensaio para a *Playboy* deste mês.



Piores letras
 Músicas dos grupos U2 e Oasis entraram na lista das dez piores letras de todos os tempos através de um programa da BBC.



O colorido toma conta de um trem na estação Ferroviária da Calçada

Arte de rua

Um trem na Calçada se transforma num imenso painel móvel divulgando a arte marginal da cultura pós-moderna urbana. Ao invés de um muro sujo, a cidade ganha cores vibrantes pelas mãos dos chamados grafiteiros, e é isso que a mostra "A arte na Rua", do artista plástico e fotógrafo José Francisco Paranaquá Guimarães pretende apresentar no Shopping Iguatemi.

Painéis, textos e um acervo de aproximadamente 80 fotografias vão contar a história da arte marginal sob forma de grafismo e intervenções visuais nas ruas de Salvador, nos últimos vinte anos. A exposição "A Arte na Rua" do artista plástico, fotógrafo e RP José Francisco Paranaquá Guimarães (de 13 a 27 na Alameda Newton Rique, Shopping Iguatemi) além de documentar uma forma de expressão pouco divulgada, se propõe a trazer a público nomes e rostos de quem que sai à noite na maioria das vezes com uma lata de tinta spray na mão e uma ideia contravenidora na cabeça, para materializar uma mensagem, um protesto, num movimento silencioso a interferir na paisagem urbana.

De forma cronológica, a mostra exibe os grafismos iniciais, com frases metafóricas e enigmáticas, carregadas de protestos políticos, ironias, mensagens de personagens, na época badalados, que assinavam como Faustino, Climax, Afloxés do Carnaval, Kaos, BL, U.P.I., Fôrmiga Atômica, Grupoerna, Dr. Volo, Nemésio etc. Numa segunda fase expõe os trabalhos de artistas plásticos, como Bel Borba, pioneiro de uma nova forma de arte de rua, utilizando mosaicos de cerâmicas e azulejos em suas obras, Antonello Labate, Roque, Gilson Maciel, Inha, César Carvalho, Paulo Meilo, Jaime Figura, Tatau, Reginaldo Bomfim. Numa etapa final estão os painéis dos artistas plásticos Leonel Mattos,

Daniela Morozini, Milton Punk, grupos (crews) de grafiteiros (Nova10 Ordem, Turbilhão Urbano, Visão Urbana, Calangos de Rua, União Caça Muros, M.P.E., 071, Ocian, MGN, Grafmania, Toque Feminino, entre outros) e ex-pichadores do Esquadrão de Grafiteiros de Salvador - EGS, Manos Revolucionários de Salvador - MRS., e outros integrantes do Projeto Grafita Salvador.

O GRAFITE NO TEMPO

Fotografar o cotidiano urbano, registrar a alma da cidade, suas nuances, movimentos, dramas e lutas do dia-a-dia, mais que um hobby, se tornou um hábito para Paranaquá, uma forma de reportar um segmento que impactou visualmente a milhares de pessoas na história de Salvador. Inicialmente, as fotos em preto e branco mostram os primeiros riscos nos muros: frases, pichações. Quem não se lembra de "Faustino toca acordeão?" pintado numa parede em prédio do Rio Vermelho? O original das mensagens, que remetiam ao imaginário dos transeuntes foi captado pela lente do artista, melhor, artista-fotógrafo, que documentou também o novo encaminhamento que Bel Borba deu a essa forma de comunicação urbana. A expansão da cidade, modificações em fachadas, e pinturas sobrepostas dos muros fizeram com que muitos trabalhos fossem apagados, mas restou um acervo que é o registro da história evolutiva do que atualmente se considera um conceito de arte em Salvador.



Embalxo do viaduto Nelson Dehia no Pernambuco, um grande sorriso e a palavra auto-estima em cores vibrantes.

Paranaquá é um observador atento das transformações dos grafites em Salvador e registrou, em fotos, a evolução dessa arte: desde 1985, máquina em punho, ele vem clicando manifestações em tapumes, muros, encostas e outdoors. Sempre tentou documentar um dos artistas em atividade e só conseguiu em 2006, quando flagrou, numa manhã de um dia de domingo, Paulo Meilo e equipe em plena montagem de um dos seus trabalhos, no Rio Ver-

melho. Desde o início dessa documentação mudaram os processos, apareceram novos artistas e técnicas, com trabalhos espalhados pelas encostas, paredes, balaustradas, contenções, mas hoje, ao invés de curiosos pseudônimos, os autores assinam seus verdadeiros nomes.

Carlos Alberto Reis/colaborador

Ira! Simples e direto



O Ira! traz CD com influências do rock folk, rockabilly e uma letra de Arnaldo Antunes

"Nos temos o nosso Jack White (guitarrista da banda White Stripes), o nosso Pete Townshend e o Paul Weller". Essa foi a definição do discográfico Kid Vinil ao guitarrista Edgard Scandurra, do Ira! ao escutar o novo trabalho do grupo *Invisível DJ* (pela Arsenal e Universal Music). Depois do jejum desde 2001 nos trabalhos, que teriam a ver com a veia rock do Ira!, eles retornam com um disco que marca os 25 anos de carreira e inclui influências do rock com levada folk na canção "Mariana foi pro Mar" e do rockabilly talvez vinda de Nasi, devido aos seus projetos paralelos com blues. Muitas canções trazem uma guitarra com som para lá de vintage (timbre à Hendrix e Clapton). O disco, quase todo composto por canções de Edgard Scandurra, também traz compositores bem interessantes entre as 12 faixas incluídas na obra. Rodrigo Koala, do

ALEXANDRE ANTUNES

Tribuna da Bahia - Como foi o processo para gravar *Invisível DJ*?

Edgard Scandurra - Neste disco, a gente partiu do zero praticamente. Na verdade, buscávamos gravar no fim deste ano. Desde 2001 não fazemos um disco como este. O Acústico MTV (lançado em 2004) era um trabalho diferente. Chegamos no estúdio com quatro músicas prontas e sofremos pressão para gravar. Em três dias o disco já estava pronto e antes a gente demorava um mês para fazer um trabalho.

TB - O som de sua guitarra traz um timbre a la Eric Clapton. Você utilizou alguma caixa valvulada ou algo do tipo?

ES - É verdade. A guitarra está bem vintage. Usei um limbre mais limpo e simples. Utilizei também caixa valvulada. Neste trabalho queríamos levar um som mais direto.

TB - E como foi que entrou a música de Rodrigo Koala no disco?

ES - Como eu falei, tínhamos poucas músicas prontas e o Rick (Bonadio, produtor do disco) nos mostrou uma série de canções e achamos que a de Koala ficaria legal na nossa pegada.

TB - A música "A Saga" foi feita em parceria entre você e o Arnaldo Antunes. Quem foi o responsável

Hateen, assina a composição "Eu Vou tentar", que surgiu por acaso no álbum. A segunda faixa "Sem saber pra onde ir" é do músico Marco Scandurra, irmão de Edgard. De acordo com o próprio guitarrista, Marco foi o responsável pela existência do Ira! Entre as letras mais poéticas está "A saga", feita em parceria entre Edgard Scandurra e Arnaldo Antunes.

Em 2001, a banda lançou seu último trabalho que teria algo a ver com sua linha, mesmo porque o Acústico MTV foi um disco que trazia os roqueiros num formato sonoro um tanto diferente, sem distorções e comprimidos. Em entrevista ao Caderno Dia&Noite, o guitarrista conhecido Edgard Scandurra fala sobre o novo disco, o processo de criação das músicas, sua admiração pelo irmão que lhe ensinou a tocar os primeiros acordes e riffs, além de sua parceria com Arnaldo Antunes.

pela letra e pelo instrumental?

ES - A letra é dele e o instrumental meu. Temos dez músicas gravadas juntos. Para mim, ele é o melhor letrista da atualidade, além de ser um amigo e meu compadre. Ele pega a veia da banda. A letra é talentosa urbana e é legal porque resgata uma pegada mais pesada e contundente.

TB - A canção "Sem saber pra onde ir" traz destaque para uma guitarra cheia de harmônicas.

ES - Essa música é do meu irmão. Meu lado conparativista falando alto no disco (risos). Marco (Scandurra) foi quem me ensinou a tocar os primeiros acordes e por isso toco com a guitarra canhota, ele não deixava eu inverter as cordas. Quando eu tinha cinco anos, eu o via ensaiar com a banda dele. Marco foi minha grande influência e é o responsável pela existência do Ira!

TB - Você e o Nasi, além do Ira!, tocam em projetos paralelos. Ele com o som de blues e você com o eletrônico do Benzina a.k.a.? Como vocês fazem para dividir o tempo?

ES - É difícil por que o Ira! é uma banda de 25 anos e em três meses de férias, a gente aproveitou para fazer nosso trabalho solo. Hoje é tudo ao mesmo tempo. Nos intervalos da turnê com o Ira! eu dou continuidade aos shows do Benzina, enquanto que o Nasi segue com o projeto dele, sem comprometermos o trabalho do Ira!